

a t é c n i c a

MEIO DE LIBERTAÇÃO DO HOMEM

por ALVES MOURA

A leitura dos artigos, sempre tão ricos em sugestões, publicados pelo prof. Abel Salazar na «Esfera» e no «Sol Nascente», sugeriu-me as considerações que vão seguir-se.

—Uma visão panorâmica que abranja toda a história dos homens, das suas relações recíprocas, e das suas relações com o meio ambiente, quer dizer,—toda a História da Civilização—revela-nos a existência de 3 períodos estruturais:

—Primeiramente é o homem que em virtude da sua organização fisiológica especial, pela sua fraqueza física, é colocado em situação de inferioridade na luta pela vida, e se vê obrigado a suprir essa deficiência pela criação e exercício das faculdades psicológicas, que utiliza mais intensa e variadamente do que os outros animais.

A vida do homem nessa época é particularmente dura e difícil. Muito diferente e distante das delícias do «Paraiso terreal», criadas pela imaginação poética dos profetas do Antigo Testamento, e do viver do homem livre e fundamentalmente bom de Rousseau.

E' a luta feroz e sem tréguas pela subsistência e o abrigo de cada dia. E' o homem à mercê de toda uma natureza hostil representada pelas inclemências do clima e pela concorrência dos outros animais e dos outros homens. E' o estado de permanente terror dum ser sujeito à acção de forças estranhas e misteriosas, que se reflecte na sua organização psíquica e influencia o seu juízo e a sua visão do mundo, sob uma forma religiosa. E' a necessidade de coesão, da formação de grupos, da formação de sociedades para a defesa em comum.

E' a vida de privações, iguais para todos.

Passam-se os séculos e os homens vão acumulando experiência. Aprendem a tirar partido do que os cerca. Constroem as primeiras armas de defesa e ataque, os primeiros instrumentos de caça e pesca, em madeira e pedra primeiramente, em ferro e cobre depois.

Adquirem um certo domínio sobre a natureza, conseguem as primeiras economias para prevenir os períodos de escassez. Para a aquisição e conservação da riqueza têm necessidade de uma organização dirigida e surge a diferenciação das funções e, por consequente, a das sociedades.

A estas modificações das re-

lações entre os homens entre si e com a Natureza correspondem novas formas de pensamento e novas maneiras de explicar e interpretar essas relações.

Todo este processo de desenvolvimento se reflecte nas Ideologias (religião, arte, etc.) que por sua vez o vão influenciar. Assim, a diferenciação das sociedades é transposta para o domínio religioso, traduzindo-se na formação de uma hierarquia e, muitas vezes uma opposição de divindades.

Essa diferenciação acentua-se cada vez mais, tomando diversas formas segundo os países e as condições de vida e de tal modo que quando começa propriamente o período histórico (denomina-se assim o período que começa com a existência de documentos escritos) já é total.

Os primitivos chefes, cuja função era a de meros condutores, transformam-se pela sua força e habilidade em senhores.

Estava iniciada a diferenciação social.

Os homens e os meios de produção passam a ser propriedade de alguns e os produtos do trabalho, cuja quantidade, exactamente por deficiência dos meios de produção, não asseguraria um nível de vida favorável a todos os homens, passam a ser objecto da concorrência e das lutas dos homens uns com os outros.

O carácter específico deste período é a separação existente entre os que produzem a riqueza e os que a usufruem, proveniente da escassez dos meios de produção.

Por todas estas razões é que me parece que o sr. dr. Abel Salazar, não vê a causa profunda (ou pelo menos não a põe explicitamente) do fracasso do Mazdekismo na Pérsia, quando diz: «O Mazdekismo fracassou porque toda uma série conjugada de circunstâncias se opuseram à sua realização. O momento histórico, a situação interna e externa da Pérsia, a desorientação do espírito oriental, alucinado por tão singular concepção, no pólo oposto da tradição asiática, tudo concorreu para este inevitável fracasso. Mas a causa principal é o antagonismo da mentalidade asiática com tais princípios; o Mazdekismo surgiu como consequência paradoxal e imprevisível duma das muitas seitas teosóficas em

que é fértil a imaginação asiática, e caiu sobre a Pérsia como uma bomba: fez então explosão e por um momento alucinou tudo».

A minha opinião é que o Mazdekismo nunca poderia ter triunfado nessa altura, em virtude, exactamente, do momento histórico (nesta expressão de A. S. está implícita, embora não com a clareza suficiente, a minha conclusão). Admitindo mesmo um triunfo político de Mazdek e dos seus partidários isso não significaria de maneira nenhuma o triunfo do Mazdekismo, pois não disputam do amadurecimento intelectual e do progresso técnico que permitisse a criação da base económica que tivesse como consequência o desaparecimento do «antagonismo da mentalidade asiática com tais princípios».

O triunfo dos Mazdekistas implicaria apenas uma mudança nas personalidades dominantes, possivelmente algumas transformações legislativas, mas nunca, nesse tempo, uma modificação radical nas relações entre os homens.

—Enquerremos esta suspensão e continuemos a nossa digressão histórica.

No fim da Idade-Média, tão complexa nos seus aspectos variadíssimos, dão-se factos extraordinários no campo social, técnico e científico que marcarão o prelúdio do 3.º grande período a cujo início efectivo não estamos talvez muito longe de assistir (pois o desenvolvimento e as posições relativas das diversas forças históricas, de há um século para cá, o têm tornado realizável).

—Os turcos, triunfantes, cortam as comunicações do ocidente cristão com o oriente das especiarias, dos metais e das pedras preciosas, interceptando a rota comercial de Trebizonda-Ormuz, e conquistam Jerusalém, a cidade santa do cristianismo.

Estes factos actuaram profundamente sobre os ocidentais e provocaram o enorme movimento das Cruzadas.

Estas puseram em movimento e contacto grandes massas humanas e mobilizaram todos os recursos dos países. Civilizações diferentes entram em relações e permutam as suas conquistas.

Toma-se conhecimento da bússola, completa-se o conhecimento dos mares, constroem-se navios mais perfeitos e se-

guros e criam-se novas necessidades.

O descobrimento de novas terras, põe novos recursos ao dispor dos povos. A riqueza aumenta.

Os conhecimentos antigos, sem base na realidade, são lançados por terra, e cria-se um novo espírito de investigação, de experimentação e de dúvida metódica. A imprensa, filha de todo este movimento, torna-se, por sua vez, um preciosíssimo instrumento de cultura.

Entra-se numa fase francamente progressiva.

A forma social deixa de corresponder às necessidades do momento, já não pode comportar o conteúdo económico-social-cultural. Surge a Revolução Francesa que a substitui por outra mais maliciosa.

Uma nova camada social—*a burguesia*—toma a direcção do progresso.

Assiste-se então a um fenómeno interessante.

A Ciência progride espantosamente em todos os campos e especialmente no campo da técnica.

Dá-se a primeira revolução industrial—a da máquina a vapor.

Os recursos económicos e culturais da Humanidade são acrescidos duma maneira formidável e o nível de vida eleva-se.

Os contactos humanos tornam-se mais fáceis, numerosos e frequentes. O comboio e o barco facilitam as relações comerciais e, juntamente com o livro, a revista e o jornal, contribuem para a democratização da cultura.

A produção de riqueza é tal que pela primeira vez é possível o domínio da natureza pelo homem; pela primeira vez é possível evitar a exploração do homem pelo homem.

Pela primeira vez é possível a abundância para todos.

Assiste-se ao facto, aparentemente paradoxal, duma camada da sociedade cavando a sua própria ruína. Donde lhe veio a prosperidade vir-lhe-á também a derrocada.

A Máquina, que permíte um fabrico mais perfeito, mais rápido e de maior número de produtos, dispensando muitos braços, provocou o desemprego de homens que perdem o seu poder de compra, e que não são, portanto, clientes do produtor.

Com os motores de explosão e a 2.ª revolução industrial—a da electricidade—não faz se-

(Continua na página seguinte)